

“HOLANDÊS” (1965)
 [“DUTCHMAN”]

DE AMIRI BARAKA

Tradução de Gerson Vieira Camelo

p. 3

Clay, negro de vinte anos

Lula, mulher branca de trinta anos

Passageiros do metrô, negros e brancos

Jovem Negro

Maquinista

No útero volátil da cidade. Fumegantemente quente e verão na superfície, no lado de fora. Subterrâneo. O metrô atualiza-se em um mito moderno.

Na cena de abertura há um homem sentado em um assento do metrô, segurando uma revista, mas olhando vagamente logo acima das suas páginas gastas. Ocasionalmente ele olha desinteressadamente através da janela à sua direita. Luzes sombrias e oscilantes e apitos tenebrosos cruzam os vidros da janela. (Ou cole a luzes, como convenções determinadas, nas janelas do metrô. Faça-as moverem-se, ao mesmo tempo sombrias e bruxuleantes. Mas dê o sentido de velocidade. Nas estações, quando o trem está parado, o brilho e as atividades nas estações transparecem através dos lampejos refletidos pelas janelas.)

p. 4

O homem está sentado sozinho, Isto é, somente seu assento é visível, embora o resto do vagão esteja cheio. Só o seu assento é mostrado. Há, por algum tempo, quando a peça começa, um barulho de um trem verdadeiro ao qual se pode recorrer ao longo da peça, ou continuar baixo quando o diálogo iniciar.

[O trem diminui a velocidade depois de algum tempo, detendo-se por um momento em uma das estações.]

O homem olha ociosamente, até ver o rosto de uma mulher lhe encarando através da janela; quando ela percebe que o homem notou seu rosto, começa a sorrir premeditadamente. O homem sorri também por um momento, inconscientemente. Quase como uma resposta instintiva, mas desinteressada. Então, dá-se-lhe um tipo de constrangimento ou embaraço, o

homem muda seu olhar, fica posteriormente constrangido, em seguida retorna seus olhos para onde estava o rosto, mas, agora, o trem volta a movimentar-se novamente e o rosto parece ter sido deixado para trás e o homem vira sua cabeça e volta a olhar através das demais janelas e da plataforma que desaparece gradual e vagorosamente. Ele então sorri, mais confortavelmente confiante, esperando talvez que sua lembrança deste breve encontro seja agradável. E, então, ele relaxa novamente.

p. 5

CENA I

[O trem bramindo. As luzes piscando no lado de fora das janelas].

LULA entra pelos fundos do vagão, com roupas de verão claras e sumárias e sandálias. Ela carrega uma bolsa de filó cheia de livros, frutas e outros artigos anônimos. Ela está usando óculos de sol, os quais coloca sobre sua testa de tempos em tempos. LULA é alta, esbelta, bonita e tem cabelos longos e ruivos que vão até às costas. Usa somente um batom forte e de bom gosto. Ela está comendo uma maçã prazerosamente. Entra no vagão em direção a Clay].

Ela pára ao lado do banco de Clay e segura-se languidamente na alça de apoio, ainda procurando comer a maçã. É perceptível que ela vai sentar-se no banco próximo de Clay, e que ela só está esperando que ele a note antes dela sentar-se.

Clay senta-se como antes, olhando somente sua revista, de vez em quando puxando a revista vagorosamente para perto e para longe de seu rosto em um esforço irrealizável para divertir-se. Então ele vê a mulher pendurada ao seu lado e olha para sua cara, sorrindo zombeteiramente.

LULA. Olá.

CLAY. Oi, como vai?

P. 6

LULA. Eu vou sentar ... tá?

CLAY. Claro.

LULA. Ufa! Quanto peso.

CLAY. Aahh, não me parece muito.

[Inclinando-se para trás contra a janela, um pouco surpreso e talvez reservado]

LULA. De qualquer maneira é.

[E ela move seus dedos na sandália, então coloca sua perna direita sobre o joelho esquerdo para checar melhor os botões da sandália e o seu calcanhar. Por um segundo, ela parece não notar que Clay está sentado perto

dela ou que ela acabara de falar com ele no segundo anterior. Clay olha a revista, então olha para fora, através da janela escura. Como ele faz isso, ela se vira para ele muito rapidamente].

Você não estava me encarando pela janela?

CLAY.

[Olhando ao redor bastante reservado]

O quê?

LULA. Você não estava me encarando pela janela? Na última parada?

CLAY. Encarando você? O que você quer dizer?

LULA. Você não sabe o que significa encarar?

CLAY. Eu a vi através da janela ... se é o que isso significa. Eu não sei se estava encarando. Parece-me que você estava me olhando pela janela.

p. 7

LULA. Estava. Mas somente após ter me virado ao redor e vê-lo olhando minha bunda e minhas pernas através daquela janela.

CLAY. É?

LULA. É. Eu acho que você estava só dando uma olhadinha descompromissada. Sem nada para fazer. Come as mulheres com os olhos.

CLAY. Puxa vida. Uau, agora eu admito que estava olhando em sua direção. Mas o resto fica por sua conta.

LULA. Eu suponho que sim.

CLAY. Encarar através de janelas de trem é um negócio estranho. Mais estranho do que olhar muito serenamente para bundas abstratas.

LULA. Eis porque eu vim olhando pela janela ... para que você tivesse mais do que isso para seguir adiante. Eu até sorri para você.

CLAY. É verdade.

LULA. Eu até entrei neste trem que nem mesmo vai para onde vou. Andei pelo corredor ... procurando você.

CLAY. Foi? Que engraçado.

p. 8

LULA. É bastante engraçado meu Deus, você é um tolo.

CLAY. Bem, me desculpe, madame, mas eu realmente não estava preparado para essa conversa.

LULA. Não, você não está. Para que você está preparado?

[Embrulhando a semente da maçã em um lenço de papel e deixando-o cair no chão]

CLAY.

[Considera sua conversa como sexo puro. Ele vira e a confronta sinceramente com esta idéia].

Eu estou preparado para qualquer coisa. E você?

LULA. [Rindo alto e parando abruptamente]

O que você pensa que está fazendo?

CLAY. O quê?

LULA. Você pensa que eu quero pegar você e fazer você me levar a algum lugar e me comer, hein?

CLAY. É assim que você me vê?

LULA. Parece que você está tentando deixar a barba crescer. É exatamente com o que parece. Parece que você mora em Nova Jérsei com seus pais e que está tentando deixar a barba crescer. É isso. Parece que você está lendo poesia chinesa e bebendo chá morno sem açúcar.

[Ri, descruzando e cruzando novamente suas pernas]

Você parece a morte comendo uma bolacha de água e sal.

P. 9.

CLAY. [Meneando sua cabeça de um lado para outro, embaraçado e tentando fazer uma aproximação, mas também intrigado pelo que a mulher está dizendo ... até mesmo pela agudez áspera de sua voz, que ainda parece um suave pulsar]

É mesmo? Eu me pareço com tudo isso?

LULA. Nem tudo.

[Ela simula seriedade para disfarçar um tom verdadeiramente sombrio]

Eu minto bastante.

[Sorrindo]

Isso me ajuda a controlar o mundo.

CLAY.

[Aliviado e rindo mais do que seu humor lhe permite]

É, eu aposto.

Lula. Mas é verdade, a maior parte, certo? Jérsei? Seu pescoço inchado. (bumpy)

CLAY. Como você sabe tudo isso? Hein? Quero dizer, sobre Jérsei ... e até sobre a barba. Eu já a encontrei antes? Você conhece Warren Enright?

LULA. Você tentou comer sua irmã quando você tinha dez anos.

[Clay inclina-se firmemente para trás no encosto de seu assento, agora abrindo seus olhos, ainda tentando aparentar divertir-se]

Mas eu me dei bem há poucas semanas. [Ela começa a rir novamente]

CLAY. Do que você está falando? Warren lhe disse isso? Você é amiga de Georgia?

p. 10

LULA. Eu contei uma mentira para você. Eu não conheço sua irmã. Eu não conheço Warren Enright.

CLAY. Você quer dizer que pega todas essas coisas no ar?

Warren Enright é um rapaz bem preto, alto e magricela com um falso sotaque inglês?

CLAY. Eu imaginei que você o conhecesse.

LULA. Mas não o conheço. Eu simplesmente imaginei que você conhecesse alguém assim. [Ri]

CLAY. Sim. Sim.

LULA. Você provavelmente está indo para a casa dele.

CLAY. É verdade.

LULA. [Colocando sua mão no joelho mais próximo de Clay, correndo-a do joelho até sua coxa, então a tira, olhando seu rosto bem de perto e continuando a rir, talvez mais gentil do que antes]

Tolo, tolo, tolo. Eu aposto que você me acha excitante.

CLAY. Você é jeitosinha.

LULA. Eu estou excitando você agora?

CLAY. Correto. Não é o que se supõe que aconteça?

p. 11

LULA. Como posso saber?

[Ela retorna sua mão, sem movê-la, então a retira e coloca em sua bolsa para pegar uma maçã]

Você quer uma?

CLAY. Claro.

LULA. [Ela pega uma em sua bolsa para si mesma]

Comer maçã juntos é sempre o primeiro passo. Ou andar pela deserta Sétima Avenida aos vinte anos, nos finais de semana.

[Morde e ri, olhando para Clay e falando de maneira cantada]

Você pode se envolver ... cara? Vamos nos envolver. Um-hum.

[Finge seriedade]

Você gostaria de se envolver comigo, seu moço?

CLAY.

[Tentando ser tão irreverente quanto Lula, segurando a maçã alegremente]

Claro. Por que não? Uma mulher bonita como você. Ah, eu seria um tolo se não quisesse.

LULA. E eu aposto que você tem certeza que você sabe do que está falando.

[Pegando-o, meio rudemente, pelo pulso, de tal forma que ele não pode comer a maçã, então chacoalha seu pulso].

Eu aposto que você tem certeza de quase tudo que alguém já lhe tenha perguntado ... certo?

[Chacoalha o seu pulso ainda mais fortemente]

Certo?

p. 12

CLAY. É, correto ... Uau, você é bem forte, você sabia? O que você é, uma pugilista ou algo assim?

LULA. O que há de errado com mulheres pugilistas? E não responda porque você nunca conheceu uma. Hein.

[Cinicamente]

Com certeza. Não há nenhuma mulher pugilista nessa parte de Jérsei. Com certeza.

CLAY. Ei, você ainda não me contou como você sabe tanto sobre mim.

LULA. Eu lhe disse que não sabia nada sobre você ... você é um tipo bem conhecido.

CLAY. Sou?

LULA. Ou, pelo menos, eu conheço o tipo muito bem. E seu amigo inglês magricela também.

CLAY. Anonimamente?

LULA

[Arruma-se no assento, meio pensativa, acabando de comer sua maçã e cantarolando fragmentos de *blues*]

O quê?

CLAY. Sem nos conhecermos especificamente?

LULA. Oh, garoto.

[Olhando rapidamente para Clay]

Que rosto! Sabe, você poderia ser um viadinho.

p. 13

CLAY. Eu não consigo argumentar contigo.

LULA.

[Resposta vaga e desfocada]

O quê?

CLAY.

[Aumentando sua voz, achando que o barulho do trem tinha encoberto parte de sua sentença]

Eu não consigo argumentar contigo.

LULA. Meu cabelo está ficando branco. Um cabelo branco para cada ano vivido e tipo que já encontrei.

CLAY. Por quê você quer aparentar ser tão velha?

LULA. Mas é sempre agradável quando começa.

[Atenção perambulando]

Preso às moradias, dia ou noite.

CLAY. O quê?

LULA. [Refocalizando]

Ei, por quê você não me leva para a festa que você está indo?

CLAY. Você deve ser uma amiga de Warren para saber sobre a festa.

LULA. Você não gostaria de me levar à festa?

[Imita uma trepadeira]

Ah, vai, me convida para sua festa.

Pg. 14

CLAY. Claro que a convidarei para ir comigo para a festa. E apostarei que é amiga de Warren.

LULA. Por quê não ser uma amiga de Warren? Por quê não?

[Pegando seu braço]

Você já me convidou?

CLAY. Como posso convidá-la se eu não sei o seu nome?

LULA. Está falando de meu nome?

CLAY. Qual é ele, um segredo?

LULA. Eu sou Lena, a Hiena.

CLAY. A famosa mulher poeta?

LULA. Poetisa! A mesma!

CLAY. Bem, você sabe tanto sobre mim ... qual é o meu nome?

LULA. Morris, a Hiena.

CLAY. A famosa mulher poeta?

LULA. A mesma.

[Rindo e dirigindo-se à sua bolsa]

Você quer outra maçã?

CLAY. Não posso fazê-lo madame. Eu tenho que ficar longe dos problemas diariamente.

p. 15

LULA. Eu aposto que seu nome é algo como ... humm, Gerald ou Walter. Hein?

CLAY. Meu Deus, não.

LULA. Lloyd, Norman? Um daqueles nomes de negros desesperançosos que rastejam para fora de Nova Jérsei. Gag

CLAY. Como Warren?

LULA. Definitivamente. Exatamente como Warren. Ou Everett.

CLAY. Gag ...

LULA. Bem, certamente, não é Willie.

CLAY. É Clay.

LULA. Clay? É mesmo? Clay o quê?

CLAY. Faça sua melhor escolha. Jackson, Johnson, ou William.

LULA. Ah, é mesmo? Bom para ti. Mas deve ser Williams. Você é muito pretensioso para ser Jackson ou Johnson.

CLAY. Ééé iiiisso aí.

LULA. Mas Clay está bem.

CLAY. Lena também.

LULA. É Lula.

p. 16

CLAY. Ah?

LULA. Lula a Hiena.

CLAY. Muito bom.

LULA.

[Começa a rir novamente]

Agora diga para mim, “Lula, Lula, por que você não vai a essa festa comigo esta noite?” É sua vez, e que essas sejam suas palavras.

CLAY. Lula, por que você não vai à festa comigo esta noite, hein?

LULA. Diga meu nome duas vezes antes de pedir, e sem heins.

CLAY. Lula, Lula, por que você não vai à festa comigo esta noite?

LULA. Eu gostaria de ir, Clay, mas como pode me convidar quando você mal me conhece?

CLAY. Isso é estranho, não é?

LULA. Que tipo de reação é essa? Supõe-se que você dissesse, “Ah, vai, nós nos conheceremos melhor na festa.”

CLAY. Isso está fora de moda.

LULA. Qual é a sua?

p. 17

[Olhando para ele meio triste mas ainda divertindo-se]

Quais são as suas cartas, Senhor? Senhor Clay Williams?

[Segura sua coxa próximo à virilha]

O que você está pensando?

CLAY. Veja só, agora você vai me excitar de verdade.

LULA.

[Tirando sua mão e atirando a semente de maçã pela janela]

Eu aposto.

[Ela afunda bruscamente no assento em um silêncio absoluto]

CLAY. Eu achava que você sabia tudo sobre mim. O que aconteceu?

[Lula olha para ele, então olha vagarosamente para mais longe, em seguida para onde estariam os demais passageiros. Barulho do trem. Ela encontra em sua bolsa um de seus livros e o pega. Ela o coloca sobre sua perna e folheia suas páginas desinteressadamente. Clay vira a sua cabeça para ver o título do livro. Barulho do trem. Lula folheia as páginas e seus olhos perambulam. Ambos permanecem em silêncio].

Você vai à festa comigo, Lula?

LULA.

[Aborrecida e ainda sem olhar]

Eu nem mesmo conheço você.

CLAY. Você disse que conhece o meu tipo.

LULA.

[Estranhamente irritada]

Não banque o esperto comigo, Guri. Eu conheço você como a palma da minha mão.

p. 18

CLAY. A mesma com a qual você come maçãs?

LULA. É. Aquela com a qual eu abro as portas tarde da noite no Sábado. A minha porta. No final da escadaria. Cinco andares. Acima de italianos e americanos mentirosos. E com a qual raspo cenouras. Também ...

[Olha para ele].

a mesma com a qual desabotô meu vestido, ou deixo minha saia cair. A mesma mão. Queridinho.

CLAY. Você está zangada com algo? Eu disse algo errado?

LULA. Tudo que você diz está errado.

[Sorriso simulado]

Isso é o que faz você tão atraente. Hah. Nesse paletó quadrado com todos os botões.

[Mais animada, segurando no paletó dele]

Pra que você usa esse paletó e gravata nesse calor todo? E por quê você está usando um paletó e uma gravata? Seu povo alguma vez já queimou bruxas ou começou uma revolução por causa do preço do chá? Cara, essas roupas de ombros estreitos vêm de uma tradição da qual você deveria sentir-se oprimido. Um terno de três botões. Que direito você tem de usar um terno de três botões e uma gravata listrada? Seu avô era um escravo, ele não estudou em Harvard.

CLAY. Meu avô era um vigia noturno.

LULA. E você foi para uma faculdade de negros onde todos pensavam que eram Averell Harriman.

CLAY. Todos, exceto eu.

p. 19

LULA. E quem você pensava que era? Quem você pensa que é agora?

CLAY.

[Ri como quem faz caso de toda a conversa]

Bem, na faculdade eu pensava que era Baudelaire. Mas eu tenho mudado desde então.

LULA. Eu aposto que você nunca pensou que fosse um negro preto.

[Finge seriedade, então uiva com um sorriso jovial. Clay está atordoado, mas, após uma reação inicial, ele tenta rapidamente apreciar o humor. Lula ri estridentemente]

Um Baudelaire negro.

CLAY. Está certa.

LULA. Cara, você está por fora. Eu retiro tudo que disse antes. Tudo que você diz não está errado. Está perfeito. Você deveria estar na televisão.

CLAY. Você já age como se estivesse na televisão.

LULA. É porque eu sou uma atriz.

CLAY. Eu achei que sim.

LULA. Bem, você está errado. Eu não sou atriz. Eu disse a você que sempre minto. Eu não sou nada, querido, e nunca se esqueça disso.

[Mais suave]

Embora minha mãe fosse uma comunista. Foi a única pessoa em minha família que conseguiu ser alguma coisa.

p. 20

CLAY. Minha mãe era Republicana.

LULA. E seu pai votava mais para o homem do que para o partido.

CLAY. Correto!

LULA. Um viva para ele. Viva, viva ele.

CLAY. Viva!

LULA. E um viva para a América, onde ele é livre para votar para a mediocridade de sua escolha! Viva!

CLAY. Viva!

LULA. E um viva para seus pais que, mesmo divergindo sobre um assunto tão crucial como o campo político, ainda forjaram uma união de amor e sacrifício que estava destinada a florescer no nascimento do nobre Clay ... qual seu nome intermediário?

CLAY. Clay.

LULA. Uma união de amor e sacrifício que estava destinada a florescer no nascimento do nobre Clay Clay Williams. Viva! E a maioria dos vivas para você, Clay Clay. O Baudelaire negro! Sim!

[E com um cinismo cortante]

Meu Deus. Meu Deus.

CLAY. Obrigado, madame.

p. 21

LULA. Que as pessoas possam aceitá-lo como um fantasma do futuro e amá-lo, que você não os mate quando puder.

CLAY. O quê?

LULA. Você é um assassino, Clay, e você sabe disso.

[Sua voz vai obscurecendo de maneira significativa]

Você sabe muito bem o que quero dizer.

CLAY. Sei?

LULA. Então fingiremos que o ar está suave e perfumado.

CLAY.

[Cheirando a blusa dela]

Está.

LULA. E fingiremos que as pessoas não podem vê-lo. Isto é, os cidadãos. E que você está livre de sua própria história e eu da minha. Fingiremos que ambos somos beldades anônimas detonando ao longo das entranhas da cidade. [Ela grita tão alto quanto pode]

Curta!

p. 22

CENA II

[A cena é a mesma de antes, embora agora haja outros assentos visíveis no vagão. E, ao longo da cena, outras pessoas entram no trem. Há talvez uma ou duas sentadas quando a cena inicia, embora nem Clay nem Lula as notem. A gravata de Clay está folgada. Lula está segurando seu braço].

CLAY. A festa!

LULA. Eu sei que será boa. Você pode entrar comigo, parecendo familiar e importante. Eu, desconhecida, ativa e silenciosa, e darei passadas longas e vagarosas.

CLAY. Certo.

LULA. Quando você ficar bêbado, me dê uma palmadinha leve na bunda, bem afetuosa, e eu olharei para você enigmaticamente, lambendo meus lábios.

CLAY. Parece que isso é algo que podemos fazer.

P. 22/3

LULA. Você conversará com alguns jovens sobre sua intenção e com os velhos sobre seus planos. Se você encontrar um amigo muito próximo que também esteja com alguém como eu, podemos ficar juntos, tomando alguns goles e trocando sinais lascivos. A atmosfera estará propícia ao amor e coisas do tipo e à uma decisão moral realmente aberta.

CLAY. Grande. Grande.

LULA. E todos fingirão que não sabem seu nome, e então ...

[Ela dá uma pausa profunda]

mais tarde, quando forem obrigados, eles clamarão uma amizade que rejeite o seu verdadeiro caráter.

CLAY.

[Beijando seu pescoço e dedos]

E então?

LULA. Então? Bem, então desceremos para a rua, tarde da noite, comendo maçãs e vagando deliberadamente em direção de minha casa.

CLAY. Deliberadamente?

Lula. Quero dizer, olharemos em todas as vitrinas e tiraremos sarro dos viados. Talvez encontremos um budista judeu e avacalharemos seus valores em algum café fuleiro.

CLAY. Em louvor a Deus?

LULA. Em meu.

CLAY. Que é ...?

p. 24

LULA. Eu... e você?

CLAY. Uma divindade corporativa.

LULA. Exatamente, exatamente.

[Nota uma das outras pessoas entrando]

CLAY. Siga com sua narrativa. Então o que acontece conosco?

LULA.

[Uma depressão suave, mas ela ainda faz uma descrição triunfante e cada vez mais direta]

Para minha casa, é claro.

CLAY. Claro.

LULA. E para os estreitos degraus do prédio

CLAY. Você mora em um prédio?

LULA. Eu não moraria em nenhum outro lugar. Lembra-me especificamente de minha forma romanesca de insanidade.

CLAY. No topo dos degraus do prédio.

LULA. E com minha mão devoradora de maçãs eu abro a porta e o conduzo, minha doce presa de olhos grandes, para dentro de ... Deus, de que posso chamá-la ... de minha choupana.

CLAY. E o que acontece?

LULA. Depois da dança e dos jogos, depois de muitas bebidas e de longas caminhadas, a verdadeira diversão começa.

p. 25

CLAY. Ah, a verdadeira diversão.

[Embaraçado, apesar de si próprio]

Que é ...?

LULA.

[Ri dele]

Verdadeira diversão na casa escura. Ah! Diversão verdadeira na casa escura, bem acima da rua e dos vaqueiros ignorantes. Eu o conduzo, segurando sua mão molhada suavemente em minha mão ...

CLAY. Que não está molhada?

LULA. Que está seca como cinzas.

CLAY. E fria?

LULA. Não pense que você fugirá de sua responsabilidade desta maneira. Não está fria. Seu fascista! Em minha sala de visita escura. Onde nos sentaremos e conversaremos incessantemente, incessantemente.

CLAY. Sobre o quê?

LULA. Sobre o quê? Sobre sua virilidade, o que você acha? Sobre o que você acha que estamos conversando todo esse tempo?

CLAY. Bem, eu não sabia que era sobre isso. De fato. Qualquer outra coisa no mundo, menos isso.

[Nota uma outra pessoa entrando, olha rapidamente, quase involuntariamente para as outras pessoas presentes no vagão].

Ei, eu nem mesmo notei quando aquelas pessoas entraram.

p. 26

LULA. É, eu sei.

CLAY. Cara, esse metrô está lento.

LULA. É, eu sei.

CLAY. Bem, continue. Estávamos falando de minha masculinidade.

LULA. Nós ainda estamos. O tempo todo.

CLAY. Estávamos em sua sala de estar.

LULA. Minha escura sala de estar. Conversando incessantemente.

CLAY. Sobre minha masculinidade.

LULA. Eu lhe farei um mapa dela. Tão logo nós chegemos em minha casa.

CLAY. Bem, ótimo.

LULA. Uma das coisas que fazemos enquanto conversamos. E trepamos.

CLAY.

[Tentando deixar seu sorriso mais largo e menos instável]

Finalmente chegamos ao ponto.

LULA. E você dirá que meus quartos são tão escuros quanto um túmulo. Você dirá: “Este lugar é como o túmulo de Julieta.”

CLAY.

[Ri]

Eu poderia.

p. 27

LULA. Eu sei. Você provavelmente já disse isso antes.

CLAY. E isso é tudo? O passeio completo?

LULA. Nem tudo. Você me dirá bem perto de meu rosto, muitas, muitas vezes, você dirá, até cochichará que me ama.

CLAY. Talvez eu faça isso.

LULA. E estará mentindo.

CLAY. Eu não mentiria sobre algo assim.

LULA. Ah. É o único tipo de coisa sobre o qual você mentirá. Especialmente se você acha que isso me manterá viva.

CLAY. Mantê-la viva? Eu não entendo.

LULA. [Explodindo de rir, de uma forma bem aguda]

Não entende? Bem, não me olhe. Este é o caminho que pego, só isso. Aonde meus pés me levam quando eu os ponho no chão. Um em frente do outro.

CLAY. Mórvido. Mórvido. Você tem certeza de que não é uma atriz? Todo esse auto-engrandecimento.

LULA. Eu lhe disse que não era uma atriz ... mas também disse que minto o tempo todo.

Tire suas próprias conclusões.

CLAY. Mórvido, Mórvido. Você tem certeza que não é uma atriz? Tudo conforme o roteiro. Não há mais nada?

p. 28

LULA. Eu lhe contei tudo que sei. Ou quase tudo.

CLAY. Não há nada engraçado?

LULA. Pensei que fosse tudo engraçado.

CLAY. Mas você quer dizer peculiar, não ra-ra.

LULA. Você não sabe o que quero dizer.

CLAY. Bem, então me conte a parte restante. Você disse quase tudo. O que mais? Eu quero a história toda.

LULA. [Procurando desorientadamente em sua bolsa. Ela começa a falar desbaforidamente, com um tom suave e patético]

Todas as histórias são histórias. Todas elas. Nossa história completa nada exceto mudança. Como as coisas poderiam continuar assim para sempre? Hein?

[Dá um tapinha no ombro dele, começa a pegar coisas em sua bolsa, tirando-as e atirando-as por sobre seu ombro no corredor].

Exceto que eu continuo assim como sou. Maçãs e longas caminhadas com amantes inteligentes e imortais. Mas você mistura tudo. Olha pela janela o tempo todo. Virando as páginas. Muda, muda, muda. Até, porra, eu não conheço você. Não para esse propósito. Você é muito sério. Eu aposto que você é sério demais até para ser psicoanalizado. Como todos aqueles poetas judeus de Yonkers, que deixam suas mães procurando por outras mães, ou pelas mães de outros, em cujas grandes tetas eles repousam suas cabeças desajeitadas. Seus problemas são sempre engraçados e todos sobre sexo.

CLAY. Eles parecem notáveis. Como filmes.

p. 29

LULA. Mas você muda.

[Inexpressivamente]

E as coisas funcionam para você até quando passa a odiá-las

[Mais pessoas entram no trem. Eles chegam mais perto do casal, alguns deles não sentam, mas ficam balançado tristemente nos apoios de mão, olhando para os dois com um interesse incerto].

CLAY. Uau. Todas essas pessoas, tão repentinamente. Elas devem vir todas do mesmo lugar.

LULA. Claro que elas vêm.

CLAY. Ah? Você as conhece também?

LULA. Ah sim. Sobre elas mais do que sobre você. Elas amedrontam você?

CLAY. Amedrontar-me? Por que deveriam?

LULA. Porque você é um negro fujão.

CLAY. Sou?

LULA. Porque você rastejou sob o arame e deixou rastros no meu lado.

CLAY. Arame?

LULA. Eles não têm arames em volta das plantações?

CLAY. Você deve ser judia. Tudo o que você consegue pensar é em arame. Plantações não tinham arame algum. As plantações eram lugares limpos, grandes e abertos como o céu, e todos estavam agradecidos por estarem lá. Só tocando e cantando o dia todo.

p. 30

LULA. Sim, Sim.

CLAY. E eis como o *blues* nasceu.

LULA. Sim, sim. E eis como o *blues* nasceu.

[Começa a fazer um som que se torna rapidamente histérico. À medida que ela canta, levanta-se de seu assento, ainda jogando as coisas de sua bolsa no corredor, iniciando um movimento rítmico e sacolejado como um *twist*, o qual continua ao longo do vagão, trombando em vários passageiros que estão em pé e tropeçando nos pés dos sentados. À cada pessoa a quem ela se dirige, profere uma palavra profana, dançando e balançando o tempo todo]

E eis como o *blues* nasceu. Sim. Sim. Filho da puta, sai do caminho. Sim. Impostor. Sim. Sim. E eis como o *blues* nasceu. Dez negrinhos sentados em um galho de árvore. Mas nenhum deles jamais parecido com ele.

[Aponta para Clay, retorna em direção ao seu assento, com suas mãos estendidas para ele levantar e dançar com ela].

E eis como o *blues* nasceu. Sim. Venha, Clay. Vamos fazer uma sacanagem. Ralar o bucho. Ralar o bucho.

CLAY.

[Balança suas mãos recusando. Ele está embaraçado, mas determinado a acabar com a cena].

Ei, o que tinha naquelas maçãs? Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas? Branca de Neve, benzinho, e não se esqueça disso.

LULA.

[Agarrada às mãos dele, que as arranca fora]

p. 31

Venha, Clay. Vamos ralar o bucho no trem. Uma trepadinha. Uma trepadinha. Faça o trabalho duro como a sua velha mãe cabeça de farrapo. Se esfregue até perder a cabeça.

Remexa, remexa, remexa! UUUUaaaaau. Vai, Clay. Vamos fazer esse trem tremer, roçar o umbigo.

CLAY. Você parece que fumou um baseado.

LULA.

[Tornando-se aborrecida porque ele não dançará e ficando mais animada ao embaraçá-lo ainda mais]

Vamos Clay ... vamos transar. Uh! Uh! Clay! Clay! Seu negro bastardo de classe média. Esqueça a sua mãe assistente social por alguns segundos e vamos ralar o bucho. Clay, seu branco beizola. Seu quase cristão cuzão. Você não é um negro, você é apenas um branco sujo. Levante, Clay. Dance comigo, Clay.

CLAY. Lula! Senta, agora. Fica fria.

LULA.

[Zombando, em uma dança frenética]

Fica fria. Fica fria. Isso é tudo o que você sabe balançado cremes alisantes em sua cabeça nodosa, abotoar paletós até o queixo, todo cheio de palavras de brancos. Jesus. Meu Deus. Levante-se e grite com essas pessoas. Berre um monte de baboseiras sem significados nestas caras desesperançosas.

[Ela grita com as pessoas no trem, ainda dançando]

Jogue para ganhar, o mundo pertence aos ganhadores! Que se foda o resto. Mauricinho impertinente, assobiando como pássaros marinhos. Clay. Clay, você tem que dar um tempo. Não sente aí morrendo como eles querem que você morra. Levante-se.

p. 32

CLAY. Oh, senta porra.

[Ele se move para retê-la]

Senta, caralho.

LULA.

[Desviando-se do alcance dele]

Mova-se, Véio Zuza. Pai véio cabeça de algodão

[Começa a dançar um tipo de *jig*, zombando de Clay com um humor alto e forçado]

Há um Véio Zuza ... digo, um Pai véio cabeça de algodão. Com uma velha crina branca desbotada. Ele manca com sua bengala de madeira. Véio Zuza. Véio Zuza. Deixa o branco montar sua velha Bá, e ele apenas escapa no meio do bosque e esconde sua suave cabeça branca. Véio Zuza cabeça de algodão.

[Alguns dos passageiros estão rindo agora. Um bêbado surge e junta-se a Lula em sua dança, cantando, o melhor que pode, sua “música”. Clay sai de seu assento e visivelmente corre os olhos nas caras dos demais passageiros]

CLAY. Lula! Lula!

[Ela está dançando e girando e gritando tão alto quanto pode. O bêbado também está gritando e acenando suas mãos escancaradamente]

Lula ... sua cadela ordinária. Por quê você não para com isso?

[Ele apressa-se meio que tropeçando em seu assento e agarra um de seus braços soltos.

LULA. Deixe-me ir! Seu preto filho da puta.

[Ela se debate contra ele]

Deixe-me ir! Socorro!

[Clay está segurando-a firmemente em direção ao banco dela e o bêbado procura interferir. Ele agarra Clay pelos ombros e começa a lutar com ele. Clay dá uma cacetada no bêbado, que cai no chão, sem soltar Lula, que está dando gritos estridentes. Clay finalmente a leva até o banco e a atira sobre ele].

p. 33

CLAY. Agora feche a porra dessa matraca. [Segurando os ombros dela firmemente].

Apenas cale-se. Você não sabe do que está falando. Você não sabe nada. Então, apenas mantenha a porra desta boca fechada.

LULA. Você está com medo dos brancos. E seu pai era. Um Véio Zuza beiçola!

CLAY.

[A esbofeteia na boca, o mais forte que pode. A cabeça de Lula choca-se contra o assento. Quando ela a levanta novamente, Clay torna a esbofeteá-la]

Agora cale-se e me deixe falar.

CLAY.

[Ele vira para os demais passageiros, alguns dos quais estão sentados na ponta de seus assentos. O bêbado está sobre um joelho, esfregando sua cabeça e cantando a mesma música suavemente. Ele cala-se também quando vê que Clay está olhando para ele. Os demais voltam-se para seus jornais ou olham pela janela]

Merda, você não tem juízo algum, Lula, nem sentimentos. Eu poderia matá-la agora. Essa gargantinha bonitinha. Eu poderia apertá-la até você ficar roxa, numa boa. Que satisfação seria. E todos esses marginais fracassados encolhidos em seus lugares, me olhando sobre os jornais [Apontando para um homem bem vestido]. Eu poderia cortar aquele *Times* em sua mão, tão magricela e classe média quanto eu, eu poderia cortar aquele jornal em sua mão tão facilmente quanto poderia cortar sua garganta. Não é preciso muito esforço para isso. Para quê? Para matar vocês, idiotas indolentes? Você não compreende nada, exceto a luxúria.

LULA. Seu idiota!

p. 34

CLAY.

[Empurrando ela contra o seu assento] Eu não estou dizendo para você novamente, Vera Loyola! Luxúria. Em sua cara e seus dedos. Você está me dizendo o que devo fazer.

[Grito repentino amedrontando todo o vagão] Bem, não! Não me diga nada! Se sou um branco classe média falsificado ... deixe-me ser. E deixe-me ser da maneira que eu quiser. [Com os dentes cerrados] Eu cortarei seus seios! Deixe-me ser quem eu estiver a fim de ser. Pai Véio, Véio Zuza. Quem quer que seja. Não é um problema seu. Você não sabe nada exceto o que está no seu nariz para ser visto. Uma encenação. Mentiras. Truques. Mas não um coração puro, o coração pulsante negro. Você nem mesmo sabe disso. E eu sento aqui, dentro deste terno, para me resguardar de cortar suas gargantas. Digo, insensivelmente. Sua grande prostituta liberal! Você trepa com um negro e, imediatamente, já pensa que é especialista em negros. Quanta baboseira. A única coisa que você sabe é que você goza quando ele te dá uns trancos fortes. É só isso. O rala e rola? Você queria ralar o bucho? Porra, você nem mesmo sabe como. Você não sabe como. A merda desse vai-e-vem que você faz, rebolando essa bunda branca como um elefante. Não é o meu tipo de rala e rola. O rala e rola não é Queens. Rala e rola são lugares escuros, com grandes chapéus e sobretudos pendurados no braço. Rala e rola odeia você. Velhos malacos carecas, de quatro olhos, estalando seus dedos ... e não sabem ainda o que estão fazendo. Eles dizem: “eu amo Bessie Smith”. E nem mesmo compreendem o que Bessie Smith está dizendo, “beije o meu cú, beije o meu ingovernável cú preto.” Antes do amor, do sofrimento, do desejo, de qualquer coisa que você possa explicar, ela está dizendo e bem claramente, “Beije o meu cú preto”. E se você não sabe o que isso quer dizer, você tem mais é que ir dar o cú e gostar.

p. 35

Charlie Parker? Charlie Parker. Todos esses bacaninhas brancos gritam por Bird. E Bird dizendo “Levante suas bundas, seus bichas débil-mentais! Levantem a bunda”. E eles se sentam lá e conversam sobre o gênio torturado de Charlie Parker. Bird não teria tocado uma única nota musical se tivesse ido para a Rua Sessenta e Sete e matado os primeiros dez brancos que visse. Nenhuma nota! E eu o grande quase poeta. Sim. É isso! Poeta. Algum tipo de literatura bastarda ... tudo que precisa é uma simples facada. Apenas me deixe sangrá-la. Sua grande puta vadia, e a poesia esvai-se. Uma comunidade inteira de neuróticos, lutando para se manterem insensatos. A única coisa que curaria a neurose seria sua morte. Tão simples. Digo, se eu matasse você, então os outros brancos começariam a me compreender. Entendeu? Não. Acho que não. Se Bessie Smith tivesse matado alguns brancos, ela não necessitaria daquela música. Ela falaria direto e claramente sobre o mundo. Sem metáforas. Nem lamentos. Sem balaços vindos direto de sua alma. Tão direto quanto dois e dois são quatro. Dinheiro. Poder. Luxúria. Desta maneira. Todos eles. Negros loucos virando suas costas para a sanidade. Quando tudo que precisam é uma ação. Matar. Apenas matar! Isto nos deixaria todos sãos. [Repentinamente fatigado] Ahhh. Porra. Mas quem precisa disto? Eu preferiria

ser um tolo. Insano. Salvo com minhas palavras e sem mortes, limpo, sem pensamentos cruéis, impulsionado-me para novas conquistas. A loucura do meu povo. Ah! Isso é uma piada. Meu povo. Eles não precisam de mim para clamar por eles. Eles têm suas próprias pernas e braços. Insanidades pessoais. Espelhos.

p. 36

Eles não precisam dessas palavras. Eles não precisam de defesa alguma. Mas escute, mais uma coisa. E diga a seu pai, que é provavelmente o tipo de homem que precisa saber disso definitivamente. Para que ele possa planejar seu futuro. Diga-lhe para não pregar tanto racionalismo e lógica fria a esses negros. Deixe-os sós. Deixe-os cantar maldições contra vocês em códigos e ver suas imundices como uma simples falta de estilo. Não cometa o erro de, através de uma onda irresponsável de caridade cristã, falar muito sobre as vantagens do racionalismo ocidental ou do grande legado intelectual do homem branco, ou, talvez, eles comecem a escutar. E, então, talvez algum dia, você descobrirá que eles realmente compreendam exatamente do que você está falando, todo esse povo de fantasia. Todo esse povo do *blues*. E, nesse dia, tão certo quanto uma cagada, quando você realmente acreditar que você pode “aceitá-los” em seu rebanho, como meio branquelos confiáveis entre os ainda subjugados. Sem mais *blues*, exceto os bem antigos, e sem melancias à vista, o grande coração missionário terá triunfado e todos esses ex-negros tornar-se-ão homens ocidentais, com olhos para vidas rigorosamente inocentes e úteis, moderados, submissos e sãos, e eles os matarão. Eles os matarão e terão muitas explicações racionais. Assim como as suas. Eles cortarão suas gargantas e os arrastarão para os limites de suas cidades até que suas carnes desgarrem de seus ossos, em um isolamento sanitário.

LULA.

[Sua voz fica diferente, toma um tom mais mercantilista]

Eu já ouvi o suficiente.

CLAY.

[Esforça-se para pegar seus livros]

p. 37

Aposto que sim. Eu acho melhor pegar minhas coisas e sair deste trem. Parece-me que não atuaremos nesse pequeno *pageant* que você resumiu antes.

LULA. Não. Não iremos. Você está certo sobre isso, pelo menos.

[Ela se vira para olhar rapidamente para o resto dos passageiros]

Correto!

[Os outros respondem]

CLAY. [Dobrando-se sobre a garota para pegar seus pertences]

Desculpe-me, querida, não acho que poderíamos fazê-lo.

[Quando ele está se curvando sobre ela, a garota pega uma pequena faca e a enfia no peito de Clay. Duas vezes. Ele cai sobre os joelhos dela, sua boca movimentando-se descontroladamente]

LULA. Desculpe-me é correto.

[Virando-se para os outros no vagão que já haviam se levantado de seus assentos]

Desculpe-me, é a coisa mais certa que você já disse. Tirem esse homem da minha frente! Rápido, agora!

[Os outros vêm e levam o corpo de Clay corredor afora]

Abram a porta e joguem seu corpo fora.

[Eles o atiram fora]

E todos vocês saiam na próxima parada.

[Lula ocupa-se arrumando suas coisas. Colocando tudo em ordem. Ela tira uma agenda da bolsa e faz algumas anotações breves. Devolve-a à bolsa. O trem aparentemente pára e os demais passageiros saem, deixando-a só no vagão.

Em seguida, um Negro jovem de cerca de vinte anos entra no vagão, com alguns livros nos braços. Ele senta há alguns assentos atrás de Lula. Quando ele está sentado, ela se vira e dá um longo e vagaroso olhar para ele. Volta os olhos para o seu livro e o coloca em seu colo. Então o maquinista, um negro Velho, entra no vagão, fazendo um movimento meio que refreado de quem dança, e meio que murmurando as palavras de alguma música. Ele olha brevemente para o rapaz e o saúda com um rápido cumprimento.

p. 38

CONDUTOR. E aí, irmão!

RAPAZ JOVEM. E aí!

[O maquinista continua caminhando pelo corredor com sua dança suave e murmurando a música. Lula vira-se para encará-lo e segue seus movimentos ao longo do corredor. O maquinista a cumprimenta com o chapéu quando se aproxima dela e continua andando ao longo do vagão.]